



ORIENTE MÉDIO / Após 13 anos, guerra na Síria ganha novo capítulo com jihadistas e rebeldes dominando a maior parte de Aleppo, a segunda maior cidade do país, contra o regime de Bashar al-Assad. Toque de recolher foi decretado ontem

Conflito volta à cena

» MARINA RODRIGUES

Deflagrada em 2011, a guerra na Síria se intensificou com a tomada de grande parte da cidade de Aleppo, a segunda maior do país, por forças jihadistas e rebeldes. Segundo o Observatório Sírio de Direitos Humanos (OSDH), mais de 320 pessoas foram mortas desde o início da ofensiva, na quarta-feira, vítimas de combates entre as forças do regime de Bashar al-Assad, apoiado pelo Irã e pela Rússia, e grupos da oposição, como o Hayat Tahrir al-Sham (HTS), ex-filial da Al Qaeda, e facções aliadas.

A partir do ataque às províncias de Idlib e Hama, foram tomadas grandes áreas e dezenas de vilarejos estratégicos sem resistência das forças locais. Em Aleppo, às 17h de ontem (11h em Brasília), os rebeldes impuseram toque de recolher de 24 horas “para garantir a segurança dos residentes”. “A maioria dos civis permanece em suas casas, e as instituições públicas e privadas estão quase todas fechadas”, informou a rádio oficialista Sham FM.

O OSDH informou que os militantes do HTS e seus aliados conquistaram prédios governamentais, prisões e até o aeroporto internacional da cidade, após a retirada das forças de Assad. “As linhas do regime colapsaram a uma velocidade impressionante, surpreendendo a todos”, afirmou à Agência France-Presse Dareen Khalifa, especialista do International Crisis Group. Os rebeldes desfilaram pela cidade, instalaram sua bandeira em frente a uma delegacia de polícia e rasgaram um retrato do presidente sírio.

Fotos: AFP



Combatentes antigoverno avançaram, na última quarta-feira, na província de Idlib, ao noroeste da Síria, retomando os ataques na região

Irã reage

A ONG relatou também que, durante a madrugada, aviões de guerra russos bombardearam Aleppo pela primeira vez desde 2016, quando o regime reconquistou a cidade com ajuda militar de Moscou. Ontem à tarde, “pelo menos 16 civis morreram e outros 20 ficaram feridos quando aviões de guerra, provavelmente russos, atacaram veículos civis” em uma rotatória da cidade, publicou a OSDH.

A expansão dos rebeldes também atingiu o Irã, que denunciou o ataque de “elementos terroristas” contra seu consulado em Aleppo. O governo iraniano anunciou que seu ministro das Relações Exteriores, Abbas Araghchi, irá hoje a Damasco, capital da Síria, para conversar com as autoridades locais e coordenar ações de apoio a Assad.

Durante conversa com seu par russo Sergei Lavrov, Araghchi insistiu na “necessidade de

vigilância e coordenação” entre os principais aliados do regime de Assad para “neutralizar este perigoso complot e contrapor as ações dos grupos terroristas na Síria e na região”, conforme comunicado ministerial em Teerã. O chanceler pediu, ainda, a “coordenação” entre o seu país e a Rússia para ajudar o regime sírio de Bashar al-Assad. A chancelaria russa confirmou a conversa em nota.

Enquanto isso, a Turquia, apoiadora de facções rebeldes no

norte da Síria, pediu o fim dos ataques nas regiões de Idlib, que têm gerado grandes tensões. O norte sírio, que vinha se mantendo estável desde um cessar-fogo em 2020, vê agora a intensificação dos confrontos, com risco de nova escalada. O conflito já causou a morte de mais de 500 mil pessoas e deslocou milhões desde 2011. O país permanece dividido em diversas zonas controladas por diferentes facções, o regime de Assad e potências estrangeiras.

Palavra de especialista

Arquivo pessoal



Momento ideal

As forças da oposição síria se aproveitaram do fato de que os principais aliados da Síria, como a Rússia e o Hezbollah, estão bastante enfraquecidos e envolvidos em outros conflitos — a Rússia na Ucrânia, o Irã e o Hezbollah no conflito em Israel. Se aproveitaram, também, do fato de que, claramente, não vai ter nenhuma intervenção real das potências ocidentais que basicamente estão quietas, inclusive, ajudando no genocídio que Israel está fazendo em Gaza. Então, essas forças opositoras aproveitaram esse cenário para fazer a ofensiva militar. Diante disso, as tropas do regime sírio praticamente se dissolvem. Elas acabam tomando Aleppo de maneira rápida e fácil, o que não era um cenário esperado.

Paulo Hilu, professor de antropologia e coordenador do Núcleo de Estudos do Oriente Médio da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Israel desrespeita cessar-fogo

Israel afirmou ter realizado ataques contra o Hezbollah no sul do Líbano, ontem, após identificar atividade “que representava uma ameaça”, três dias depois de um acordo de cessar-fogo ter entrado em vigor. Em comunicado, as Forças Armadas israelenses listaram quatro incidentes, incluindo um bombardeio da Força Aérea de Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro de Israel, contra “terroristas do Hezbollah identificados quando estavam se aproximando de suas estruturas”.

Em outro anúncio, os militares relataram que sua aviação atingiu “uma instalação do Hezbollah com lança-foguetes”. Na última

quarta-feira, entrou em vigor um cessar-fogo entre Israel e Hezbollah, após mais de um ano de conflitos transfronteiriços e de dois meses de guerra aberta entre o Exército e o movimento armado libanês, apoiado pelo Irã.

O acordo, mediado por França e Estados Unidos, estabelece que o Exército israelense deve se retirar do sul do Líbano em um prazo de dois meses. Em contrapartida, o movimento radical deve recuar suas posições para norte do rio Litani, a cerca de 30 km da fronteira entre os países, e desmontar sua atual infraestrutura militar.

Em meio à quebra de acordo, o braço armado do movimento

Hamas divulgou um vídeo que mostra um dos reféns israelenses mantidos em Gaza desde o início da guerra, em 7 de outubro de 2023. Na gravação, o rapaz conversa em inglês e hebraico, dirigindo-se a Donald Trump e ao primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu.

O jovem pede ao seu povo que pressione o governo por sua libertação e de outros que continuam reféns em Gaza. Dos 251 sequestrados no ano passado, 97 continuam sob o poder do Hamas. Enquanto isso, a ofensiva de Israel no território palestino já matou 44.382, a maioria civis, segundo o Ministério da Saúde local.



Protestantes pressionam Netanyahu pela libertação dos reféns em Gaza

» Rússia e China fazem patrulha

Bombardeiros russos e chineses realizaram uma patrulha aérea sobre o Mar do Japão, o Mar da China Oriental e o oeste do Oceano Pacífico pelo segundo dia, declarou o Ministério da Defesa da Rússia ontem. Os aviões militares fizeram uma ronda de oito horas, monitorados por caças coreanos. O local da patrulha é próximo ao Japão e à Coreia do Sul. As aeronaves russas pousaram em um campo de aviação na China. O Kremlin afirmou que os voos não invadiram nações nem foram voltados a países específicos.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

A MUJICA URUGUAIA

Todas as vezes que se debate políticas públicas e papel do Estado, emerge a tensão entre oferecer soluções imediatas para problemas sociais ou promover a autonomia individual como caminho para a sustentabilidade. Polêmica ilustrada pelo provérbio popular que acerta ao afirmar que, dando um peixe a uma pessoa, ela se alimentará por um dia, enquanto ensinando-a a pescar, ela se alimentará por toda a vida. Entretanto, nada afasta a certeza de que são muitas as situações em que precisamos começar dando o peixe, inclusive, enquanto ensinamos a pescar.

José “Pepe” Mujica, que conseguiu chegar ao fim da vida vendendo um discípulo seu ser eleito presidente do Uruguai, vai além quando critica os que dizem que não

se deve dar o peixe, mas ensinar a pessoa a pescar, por se esquecerem que, “quando destroçamos seu barco, roubamos sua vara e tiramos seus anzóis, é preciso começar dando-lhes o peixe”. O mesmo serve para quem, por razões estruturais e do acaso de se ter nascido na pobreza, nunca sequer teve nenhum dos instrumentos necessários.

É aí que o exemplo bem-sucedido do Uruguai de Mujica se destaca. Entre as capitais sul-americanas, Montevideu foi a que impulsionou o país a alcançar o maior PIB per capita da região nos últimos anos, e fez isso com e através de justiça social.

Tal fato tem a ver com o que observadores do mundo todo ressaltam sobre uma peculiaridade saudável da política uruguaia: o país platino tem conseguido atravessar

incólume a última década de radicalismo político que se espalhou pela América do Sul e em grande parte do mundo. A eleição recente foi uma demonstração clara disso.

No contexto em que o Uruguai se destaca por seu equilíbrio, podemos ver como a lógica de dar o peixe enquanto ensina a pescar também pode ser vista na forma com que o país consegue sintetizar diferentes abordagens ideológicas em relação às políticas públicas. A política moderada do país, onde a eleição nacional foi disputada com debates de alto nível entre os principais contendores, reflete uma convivência produtiva entre esses dois paradigmas: políticas públicas que oferecem alívio rápido às necessidades da população, enquanto criam condições para

o fortalecimento da autonomia individual. Esse modelo político, ao evitar a radicalização, permite ao país avançar em estabilidade e maturidade democrática, mesmo em tempos de crispação global.

Yamandú Orsi, recém-eleito presidente do Uruguai, enfrenta o desafio de equilibrar a continuidade do legado de José Mujica com as demandas de um cenário político e econômico em transformação. Como discípulo do ex-presidente, Orsi herda um compromisso com políticas voltadas para inclusão social e desenvolvimento sustentável, ao mesmo tempo em que precisa lidar com os que farão oposição a seu governo. Especificamente no que diz respeito às complexas relações comerciais no Mercosul, o governo de Orsi apresenta uma oportunidade para melhoria de nossas interconexões como vizinhos. Sua vitória representa também uma expectativa por renovação e adaptação às

necessidades emergentes do país.

Entre os principais desafios de Orsi está o fortalecimento ainda maior da economia uruguaia, que depende de exportações agrícolas, diversificar a base econômica, reduzir desigualdades regionais e enfrentar a criminalidade insistentemente. Inspirado pela simplicidade e pragmatismo de Mujica, ele terá que encontrar maneiras criativas de preservar a estabilidade democrática do Uruguai em um contexto global de irrazoabilidade política. Além disso, sua gestão será acompanhada de perto por uma população exigente, que espera um governo também comprometido com uma abordagem inovadora para os desafios do século 21.

Ao longo dos anos, Mujica se tornou grande incentivador da moderação na política interna, apostando na negociação para equacionar diferentes abordagens ideológicas em relação às políticas públicas. Orsi busca seguir seus

passos. Se, tradicionalmente, a esquerda é mais favorável a intervenções diretas e soluções imediatas para aliviar desigualdades, como programas de capacitação e inclusão social, a direita, por outro lado, tende a ser refratária a essas intervenções, enfatizando que o foco deve estar na autonomia individual, defendendo que o papel do Estado deve ser reduzir barreiras e “não atrapalhar a pesca” com regulações ou assistencialismo.

Com negociação e tolerância se consolida uma forma de ação política que dá liga e sabor aos debates sociais, de maneira semelhante à palavra “mujica, pirão mole exótico do norte do Brasil que se refere tanto a um prato típico quanto a uma técnica de engrossar caldo de peixe com verdura e farinha. Palavra que tem origem na língua tupi e que combina bem com o homônimo sobrenome do líder uruguaio.

PAULO DELGADO, sociólogo.